

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT10.038](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT10.038)

SIGNWRITING: RESSIGNIFICANDO METODOLOGIAS COM VISTAS AO LETRAMENTO DO ALUNO SURDO

Thais Fernandes de Amorim

Professora Adjunta da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. Doutora em Estudos Literários - UFPA. Mestre em Comunicação, Cultura e Linguagem - UNAMA. Especialista em Gestão Escolar - CESUPA. Especialista em Educação Especial, ênfase em LIBRAS - FIBRA. Especialista em ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa - UFPA. Teaching English as a Foreign Language Preparation. Language Studies Canada - LSC. Toronto, Ontário. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Confluências e Divergências na Tradução de Gulliver's Travel: Fatos e Ficções - PROPED/UFRA. Integrante do grupo de pesquisa em Literatura, Cultura e Sociedade (GELICS), no qual coordena a linha de Estudos Comparados: narrativas, tradução, leitura e recepção. Integrante do grupo de pesquisa Amazônia, Narratologia e Anthropocene (ANA) UFPA. Integrante do grupo de pesquisa Poética do Narrar: Tradução e Estudo do livro de Wolf Schmid e Elementos da Narratologia - UFPA. Integrante do Projeto de Extensão *Littera* - Literaturas Germânica e Brasileira - UFPA/ CEG (Casa de Estudos Germânicos). Integrante do Projeto de Extensão Tecituras, Diálogos entre Literatura, Música e Cultura - UFRA. E-mail: thais.amorim@ufra.edu.br;

Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo Moreira

Professora Adjunta da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. Doutora em Estudos Literários - UFPA. Mestre do Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários, como bolsista da CAPES - PPGL-UFPA. Especialista em Língua Portuguesa (PUC-MG). Especialista em Língua Brasileira de Sinais para a Educação Inclusiva (FIBRA). Licenciada Plena em Letras - Língua Portuguesa (UEPA). Licenciada em Licenciatura em Letras Língua Inglesa (UNICESUMAR). Integrante do grupo de pesquisa (ELOS) - Estudos de Línguas Orais e Sinalizadas cadastrado no Diretório do CNPQ. Integrante do grupo de pesquisa em Educação e Diversidade na Amazônia - (GEDAM), no qual coordena a linha de pesquisa Leitura, Literatura, Identidade e Diversidades. Coordenadora do Projeto de Extensão Entre Letras (UFRA). E-mail: wanubyacampelo@ufra.edu.br;

Geovane Silva Belo

Professor Adjunto da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, *campus* Tomé-açu. Doutor em Educação pelo PPGED/UFPA, Mestre em Artes pelo PPGARTES/UFPA, pós-graduado em Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: geovane.belo@ufra.edu.br

Liliane Afonso de Oliveira

Professora Adjunta da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA). Graduada em Letras (Português) pela Universidade da Amazônia - UNAMA. E-mail: liliane_afonso@yahoo.com.br;

RESUMO

Apesar dos avanços na educação de surdos, vê-se metodologias ineficazes no processo de ensino/aprendizado do aluno surdo. Assim, o presente artigo traz como método possível a escrita de sinais, o *SignWriting* - SW, apontando que a mesma oportuniza ao aluno surdo uma maior compreensão e contextualização da realidade em que está inserido. A escrita de língua de sinais é importante para os surdos que tem muita dificuldade de escrever em português. Enquanto um sistema simbólico repleto de significados, constitui-se como ferramenta eficiente para maximizar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos aprendizes surdos, bem como fornece meios de aproximação com o sistema de escrita alfabética. Para discorrer sobre estas questões, nos embasamos teoricamente nos trabalhos de Sutton (2003), Stumpf (2005), Barreto (2015), Soares (1998) dentre outros. As considerações indicam que a escrita de língua de sinais incorporada à educação das crianças surdas pode significar um avanço significativo na consolidação de uma educação realmente bilíngue, na evolução das línguas de sinais e aponta para a possibilidade de novas abordagens ao ensino de língua portuguesa como segunda língua.

Palavras-chave: *SignWriting*, Ensino, Metodologia, Letramento, Surdo.

INTRODUÇÃO

Escolhemos denominar a proposta de letramento para assinalar sua inserção em uma concepção maior de uso da escrita, uma concepção que fosse além das práticas escolares usuais. De uso recente na língua portuguesa, a palavra letramento tem suscitado algumas controvérsias. Tradução do inglês *literacy*, o letramento, como explica Soares (1998), dá visibilidade a um fenômeno que os altos índices de analfabetismo não nos deixavam perceber. Trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas. Há portanto, vários níveis e diferentes tipos de letramento.

A pesquisadora explica que a psicogênese da língua escrita considera o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança ao longo da aprendizagem da escrita, trata-se de uma teoria baseada em estágios pelos quais todas as crianças passam no processo de alfabetização, são eles: icônico; garatuja; escrita com letras; silábico sem valor sonoro; silábico com valor sonoro; silábico-alfabético e ortográfico. Na conferência, a pesquisadora explica todos os estágios, mostrando exemplos de crianças em cada um deles. Soares fala sobre a importância do desenvolvimento da consciência fonológica e da atenção aos traços que compõem as letras para o seu reconhecimento, também comenta sobre a relevância de saber a ordem alfabética, considerando o contexto sociocultural, no qual essa ordem é bastante utilizada. Tudo isso para chegar ao objetivo principal: relacionar letras com os fonemas que representam.

A crítica de Soares à utilização unitária do método fônico é, principalmente, porque esse método inicia diretamente com as relações entre letras e fonemas, pulando etapas que a pesquisadora considera importantes e desconsiderando o desenvolvimento de cada criança. É possível perceber na fala da conferencista que a grande questão - ou o problema - não é a utilização do método fônico, mas o descarte de outros métodos. Soares acredita que é preciso deslocar o eixo das discussões dos métodos de ensino (como ensinar) para o processo de aprendizagem da criança (como se aprende), o que, na verdade, também é uma conclusão dos defensores do método fônico. Se acompanharmos a literatura internacional relacionada à

ciência da leitura, veremos que a neurociência fornece evidências sobre como a aprendizagem da leitura e escrita acontece no cérebro, trazendo fortes aliados à instrução fônica.

Em uma sociedade essencialmente letrada como a nossa, mesmo um analfabeto tem participação, ainda que de modo precário, em algum processo de letramento. Do mesmo modo, um indivíduo pode ter um grau sofisticado de letramento em uma área e possuir um conhecimento superficial em outra, dependendo de suas necessidades pessoais e do que a sociedade lhe oferece ou demanda. Concebemos assim um letramento que compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade.

Assim, a presente pesquisa apresenta uma análise teórica sobre o processo de letramento do aluno surdo por meio do *SignWriting* - SW, usando o mesmo como procedimento metodológico de letramento. Tendo por objetivo analisar o desenvolvimento do processo de aprendizagem do aluno surdo por meio da língua de sinais na modalidade escrita e identificar se o método utilizado para o letramento está oportunizando ao aluno maior compreensão e contextualização com a realidade em que está inserido.

No intuito de nortear a discussão e entender a relevância do letramento adequado para o aprendizado de alunos surdos, foi elaborado a seguinte problemática: "Qual o melhor método de ensino e aprendizagem para o letramento de alunos surdos? O *SignWriting* é um método de ensino para o desenvolvimento cognitivo em sua escala social? Promove independência intelectual aos mesmos? "

Para responder tal questionamento, realizamos a pesquisa de forma indireta, de natureza bibliográfica, qualitativa e descritiva por meio de resumos de assuntos de acordo com as ideias dos seguintes autores da área da escrita de sinais: Madson Barreto e Raquel Barreto que tiveram grande relevância na constituição e expansão do *SignWriting* com sua obra *Escrita de sinais sem mistério* (2015); Sutton (2003) e Stumpf (2005).

Tendo em vista que a maior dificuldade de aprendizado do aluno surdo está no processo de tradução e interpretação de texto

em L2 (Língua Portuguesa), o *SignWriting*, segundo Barreto (2015), vem mostrar as mais diversas possibilidades de conhecimento para o processo de letramento de alunos surdos. Ele é um sistema de escrita de sinais usado para descrever os sinais por meio da configuração de mãos, os movimentos, a expressão facial, com toda estrutura das línguas de sinais. Como sabemos toda língua tem sua versão escrita e, com a Libras não é diferente, assim, foi criado a escrita de sinais para facilitar a compreensão de texto por alunos surdos em sua escrita natural.

O alfabeto da escrita da língua de sinais pode ser comparado a outros alfabetos que são usados para escrever outras línguas, por exemplo, o alfabeto romano. Esse alfabeto é utilizado para escrever várias línguas faladas. No entanto, cada língua pode adicionar ou subtrair alguma de seus símbolos. O mesmo conjunto de símbolos é usado para escrever diferentes línguas, tais como o inglês, o português, o francês, o italiano. O alfabeto romano é internacional, mas a escrita de cada línguas varia. Isso é exatamente o que acontece com os símbolos do alfabeto da escrita da língua de sinais. Esse pode ser usado para escrever diferentes línguas de sinais, tais como a línguas de sinais brasileira, a língua de sinais americana, a língua de sinais francesa e assim por diante. (SUTTON, 2003, p.6)

Segundo Quadros (2000) a escrita das línguas orais não capta as relações de significados das línguas de sinais e, portanto, não consegue expressar a língua em que a criança surda processa seu pensamento. A autora afirma que se o processo de aquisição de escrita for em sua primeira língua a criança se desenvolverá muito mais.

No entanto, ao analisarmos essas pesquisas podemos concluir que Segundo Marianne (2005) e o Casal Barreto (2015), de fato o *SignWriting* pode sim promover melhor desenvolvimento intelectual de alunos surdos, pois através dela possibilita aos sujeitos surdos os registros de pensamentos, literaturas, e abre novas possibilidades de conhecimento em sua língua natural. Tornando-os capazes de ser autores de suas próprias filosofias de vida, como seres ativos e inclusos na sociedade, trazendo-lhes independência intelectual.

METODOLOGIA

Quanto a abordagem da pesquisa foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva, na qual buscamos desvendar os paradigmas voltados para metodologias/método de ensino usada no processo de alfabetização e letramento aluno surdo. Assim, para discorrer sobre estas questões, nos embasamos teoricamente nos trabalhos de Sutton (2003), Stumpf (2005), Barreto (2015), Soares (1998) dentre outros e apresentamos o *SignWriting* como recurso metodológico e objeto da pesquisa para analisar as possibilidades de letramento do aluno surdo por meio da própria língua, a LIBRAS.

Apresentaremos, a partir de trabalhos já consolidados, que o uso do *Signwriting* é um caminho possível e de fácil aceitação pela comunidade surda, que em sua grande maioria, tem dificuldade com a escrita da língua portuguesa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por muitas décadas a educação de surdos foi debatida e discutida por pedagogos e profissionais da educação em busca de um método que atendesse a necessidade de oferecer um ensino de qualidade e desenvolvimento dos alunos surdos para um processo de alfabetização e letramento e com isso promover a inclusão. Diante das dificuldades encontradas, vários métodos pedagógicos foram apresentados para a educação de crianças surdas: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

Segundo Krombauer (2018), a prática da oralização consistia em inserir a pessoa surda em uma comunidade ouvinte através da leitura labial, para que assim ela pudesse interagir com todas as pessoas da sociedade. A comunicação total é o método que permitia com que o surdo usasse todas as formas de comunicação possíveis desde gestos, mímicas, leitura labial e outros. O bilinguismo é o método mais atual usado no Brasil e que é defendido pelas organizações de surdos como mais eficaz para o processo de ensino aprendido o qual consiste na criança surda usar a língua materna, a Libras como L1 como meio para comunicar-se e

interagir, e uma segunda língua estrangeira a L2 em nosso caso a Língua Portuguesa para a leitura e escrita.

O letramento difere do simples ler e escrever porque pressupõe um entendimento do uso apropriado dessas capacidades dentro de uma sociedade que está fundamentada no texto impresso. Assim a lectoescrita requer um envolvimento autônomo e ativo com o texto impresso e destaca o papel do indivíduo no gerar, receber e atribuir interpretações independentes às mensagens. Signorini (2001) assim define o letramento, “conjunto de práticas de comunicação social relacionadas ao uso de materiais escritos, e que envolvem ações de natureza não só física, mental e lingüístico discursivas como também social e político ideológica” (SIGNORINI, 2001, apud, LODI, 2002, p. 35).

O nível de letramento que permite um bom funcionamento social varia de uma cultura para a outra e também dentro de uma mesma cultura. Assim os níveis de letramento necessários ao funcionamento social podem variar. É importante, porém que exista uma interação entre as exigências sociais e a competência individual.

Bolsanello e Silva (2011) afirmam ainda que a maioria dos surdos brasileiros apresentam dificuldade no uso da escrita alfabética da língua portuguesa, isso se dá devido o distanciamento entre a língua de sinais, a qual organiza seus pensamentos e o sistema alfabético criado para representação das línguas orais, o que prejudica seu processo de aprendizado com eficácia e também implica no letramento, pois, dificulta seu processo cognitivo na tradução e interpretação de textos.

Essa relação entre a língua de sinais, sua própria língua e sua interação com a língua escrita é fundamental para a criança compreender os significados de seus registros e da linguagem escrita, da língua portuguesa. A criança não precisa reconhecer a situação gramatical da língua escrita e nem sua estrutura frasal, ou tipo de oração, mas precisa sim, estar exposta a diversas situações de leitura e escrita, uma escrita significada, uma história que a aluna escolheu, visualizou, cujo enunciado compreendeu na língua materna e posteriormente registrou na língua portuguesa com sucesso.

Como Quadros e Schmiedt ressaltam: “ela precisa de milhares de oportunidades de usar tais sentenças, pois esse uso servirá de

base para o reconhecimento da leitura e elaboração da escrita com significado”. E ainda complementa: “são as oportunidades intensas de expressão que sustentam o conhecimento gramatical da língua que dará suporte para o processo de leitura e escrita, em especial, da alfabetização na segunda língua, o português, considerando o contexto escolar do aluno surdo” (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 30).

A escrita é um instrumento fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem, através dela possível o registro e compreensão de mundo, passado, presente e futuro. E na educação de surdos faz-se necessário um sistema de escrita que os possibilite fazer uso de suas capacidades de decodificações visuais para pensar, escrever e se fazer entender.

Segundo Capovilla (2005, p. 263), ao se utilizar da escrita e leitura proposta pelo *SignWriting*, é possível a “reflexão sobre o próprio ato linguístico, o avanço e o aprimoramento constante da linguagem como veículo do pensamento para o pleno desenvolvimento social e cognitivo”, por se tratar de um sistema de escrita icônico, o qual oferece ao surdo maior facilidade e compreensão tanto para escrita quanto para leitura e interpretação, uma vez que as características consistem em reproduzir, criar e recriar os sinais da Libras em escrita no *SignWriting* com todas as composições linguísticas.

O *SignWriting* a escrita de sinais, é um sistema de representação gráfica das línguas de sinais, que segundo Stumpf (2005), se dá de forma idêntica aos sistemas de escrita alfabéticos que representam os fonemas componentes das palavras nas diversas línguas orais-auditivas, possui suas regras próprias e apresenta estruturas sistemáticas em todos os níveis linguísticos. Expressa sentimentos, estados psicológicos, processo de raciocínio, conceitos concretos e abstratos.

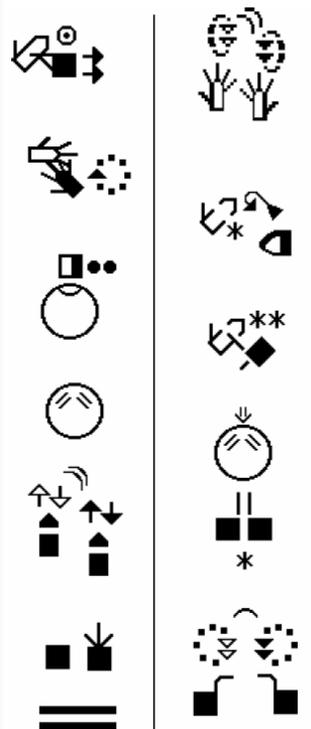
Em sua tese de doutorado, a autora indica que a escrita de língua de sinais incorporada à educação das crianças surdas pode significar um avanço significativo na consolidação de uma educação realmente bilíngue, na evolução das línguas de sinais e aponta para a possibilidade de novas abordagens ao ensino da língua oral como segunda língua.

O que ela pretendeu com sua proposta de pesquisa encontrou identificação com aquilo que uma Pesquisa-Ação pretende que é a

transformação do objeto social, por meio da tomada de consciência, da construção dos objetivos e da organização da ação. Na ação, essa transformação só pode se dar como prática política, que unifique a prática científica e a pedagógica em um objetivo comum.

As afirmações de Stumpf (2005) foram baseadas na observação, nas discussões, nos documentos da literatura impressa sobre o tema, e nas observações obtidas em suas próprias intervenções, com o objetivo de difundir entre os surdos e os educadores de surdos, o conhecimento e o respeito à Língua Brasileira de Sinais - Libras e a sua escrita. Intervenções essas sempre acompanhadas de discussões acerca da realidade de vida surda.

Fig. 01: Capa da tese de Stumpf



Fonte: STUMPF, Marianne Rossi. Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, CINTED, PGIE, 2005

Foram criados vários registros de notações antes de chegar a definição do *SignWriting*. Os primeiros registros surgiram em 1822 chamado de *Notação Mimographie* criado por Roch Ambroise Auguste Bébien. O segundo foi *Notação de Stokoe*, criado por William C. Stokoe por volta de 1960 foi o primeiro a reconhecer as línguas de sinais como línguas naturais, este sistema descreve três parâmetros formadores de sinais: Configuração de mão, Localização e Movimento. Em 1984, foi criado o sistema de notação *Hamburg Notation System (HamNoSys)* pela Universidade de Hamburgo-Alemanha. Em 1990, Paul Jouison criou o sistema de notação D`Sign. Em 1996, surgiu o sistema de *Notação de François Neve* pesquisador na Universidade de Liège na Bélgica e em 1997 foi criado o *Sistema de Escrita das Línguas de Sinais (ELIS)* pela Dra. Mariângela Estelita Barros a aprimorado em 2008.

Só então surgiu o *SignWriting* por meio da pesquisadora Valerie Sutton que havia criado em 1972 um sistema para notação de dança *DanceWriting* e algum tempo depois foi ensiná-lo em uma escola de balé na Dinamarca. Um jornal local publicou seu artigo que chegou ao conhecimento de pesquisadores da Língua de Sinais Dinamarquesa da Universidade de Copenhagem, que estavam há tempo buscando formas para escrever essa língua e solicitaram a Sutton que escrevesse as sinalizações de alguns surdos disponível em um vídeo, foi então que adaptando seu sistema de escrita com o objetivo de escrever a língua de sinais, surgiu em 1974 o *SignWriting*, um sistema específico para escrever a escrita de sinais. Por 12 anos o sistema restringia-se ao manuscrito em papel. Apenas em 1996 ficou disponível na internet pela primeira vez.

De acordo com Madson e Raquel Barreto (2015) o SW é o sistema de escrita das línguas de sinais mais usado em nosso país e no mundo, é uma escrita visual direta e uma solução completa para escrever as Línguas de Sinais. Cada grafema desta escrita representa diretamente um fonema das línguas de Sinais e nos mostra como ele é realizado, grande parte dos grafemas são visualmente icônicos, possibilitando uma rápida associação com os respectivos fonemas. As principais categorias de grafemas representam de maneira visual a cabeça, a face, o tronco, os membros, as mãos e os movimentos.

Sutton (2013) afirma que o *SignWriting* oferece para seus usuários surdos e ouvintes, os mesmo benefícios e relevâncias da escrita de outras línguas como o Português, Inglês, Espanhol, etc. A escrita de sinais segundo Madson Barreto e Raquel Barreto (2015), oferece inúmeros benefícios para o aprendizado do aluno surdo, dentre eles, permitir ao surdo expressar-se livremente, mostrando sua fluência em línguas de sinais o que difere das línguas orais; dá autonomia e eleva autoestima quando mostra que o surdo tem uma escrita própria; prioriza a melhoria na comunicação; colabora para o desenvolvimento cognitivo dos surdos fazendo com que sintam-se estimulados em sua produção e organização de pensamentos, desenvolve a criatividade facilitando, assim, seu ensino aprendizagem; traz mais praticidade na vida acadêmica permitindo-lhes escrever e ler textos, podendo ser usada em qualquer disciplina ou grau de escolaridade, permitindo que o aluno faça anotações das aulas tornando-se um sujeito ativo e deixando de ser o sujeito passivo dentro da sala de aula.

Madson e Raquel (2015) afirmam que a escrita de sinais SW auxilia no desenvolvimento dos estudos da Libras para alunos surdos e ouvintes, o que puderam comprovar através de oficinas, cursos presenciais e à distância: que os avanços são significativos e além dos inúmeros benefícios já citados acima a escrita oferece também a possibilidade de expressão nas mais diversas áreas de conhecimento, oferecendo ao surdo a liberdade e reconhecimento social.

Stumpf (2005) foi a primeira a realizar pesquisa de campo com crianças surdas sobre o *SignWriting* no Brasil, em sua tese a autora realizou várias pesquisas com séries e escolas diferentes e pode comprovar em seus resultados que o processo de alfabetização em SW é a evolução para o letramento, observou que a experiência mostrou-se funcional quanto ao aprendizado de cada um, e que obteve uma participação e interesse em massa nas turmas abordadas, a autora relata que algumas dificuldades foram encontradas em relação a faixa etária, além disso, percebeu que assim como nas línguas orais esse processo de alfabetização em SW com alunos surdos, crianças e jovens requer aulas significativas com jogos e brincadeiras para um aprendizado mais prazeroso.

Observou também que dentro da classe onde os alunos e professores se comunicam através da língua de sinais, a motivação é maior em expandir seus conhecimentos por meio da curiosidade em escrever novos sinais. Percebemos então, que cada etapa realizada na pesquisa é possível para identificar os níveis de aprendizado e que ao final de cada pesquisa foi notório que o sistema SW funciona com eficácia e que é possível o letramento do aluno surdo por meio desse sistema de escrita, de acordo com cada particularidade.

Este artigo trouxe como resultados, abordagens teóricas de diferentes autores referente a relevância do ensino da escrita de sinais *SignWriting* para alunos surdos. Valerie Sutton (2003) nos fez perceber os benefícios dessa escrita no processo de letramento, bem como as características do SW, como um método que pode oferecer inúmeras possibilidades de conhecimento e crescimento intelectual desse público que há muito tempo busca por seus direitos, por igualdade e por seu espaço conquistado dentro da sociedade ouvinte.

De acordo com Marianne Stumpf (2005), os professores ouvintes da nova escola de surdos centrada nas línguas de sinais, precisam saber usá-las de forma plena, não podem mais simplificar explicações, facilitar textos e articular claramente em português ajudando com alguns sinais a exposição de conteúdos, como se fazia na escola oralista ou na de comunicação total. Agora devem integrar com o aluno em uma língua que precisa ser plena e dominada por ambos, professor e aluno e devem ter a mesma possibilidade de comunicar-se. Isso nos faz perceber a importância da utilização do método de ensino proposto pelo artigo para facilitar a produção de conhecimento do aluno surdo. O SW além de valorizar e aprimorar o conhecimento da Libras, permite que os alunos surdos desenvolvam habilidades e competências atreladas à leitura e escrita.

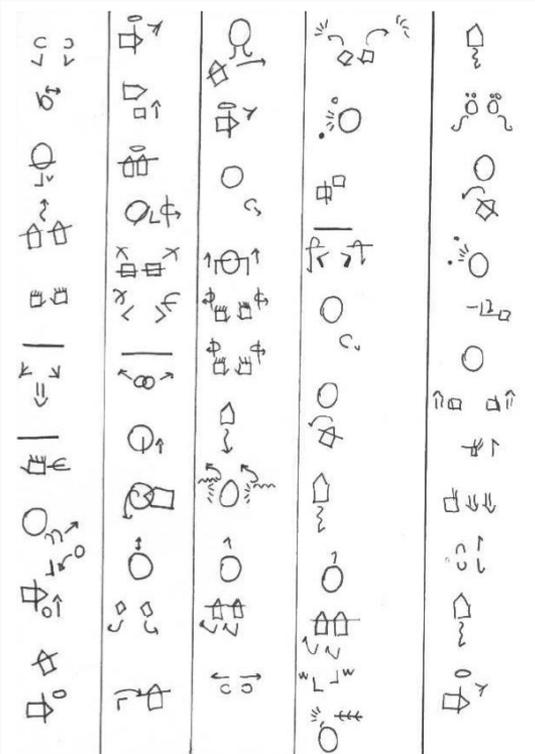
O presente trabalho mostra uma perspectiva de inclusão para alunos surdos de forma efetiva que valorize as peculiaridades linguísticas de sua língua materna dentro da escola bilíngue, proporcionando um equilíbrio de importância entre as línguas envolvidas L1 (Libras e a escrita de sinais *SignWriting*) e a L2 (Língua Portuguesa).

Madson e Raquel Barreto (2015) compreendem a escrita de sinais SW como meio de acessibilidade e manifestação da cultura

surda, afirmam que ao ensinar esse método inovador passo a passo focada na Libras, estão colaborando para a transformação de pessoas e da sociedade propiciando uma nova forma de acesso ao mundo.

O *SignWriting* possibilita à comunidade surda a liberdade de expressão, dando-lhes oportunidade de conhecer e opinar sobre a realidade/ sociedade através da escrita, produção e reflexão, oportunizando maior nível de aprendizado e desenvolvimento intelectual, como podemos ver no exemplo abaixo, que ilustra a forma simplificada de escrita em *SignWriting* na transcrição de nosso Hino Nacional adaptado à língua brasileira de sinais-Libras

Fig 02: Transcrição do Hino Nacional



Fonte: STUMPF, Marianne Rossi. Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, CINTED, PGIE, 2005

Segundo Stumpf (2005), o sistema *SignWriting* é apresentado por seus criadores como uma escritura alfabética. Essa afirmação

sempre causa perplexidade devido à natureza espacial das línguas de sinais. Boutora (2003) responde a esse questionamento dizendo que *SignWriting* é um sistema elaborado sob duas influências fonéticas. Aquela de ter sido elaborada dentro de uma cultura onde a escrita da língua oral é fonética e a segunda, dentro de um marco teórico onde os componentes mínimos da LS são semelhantes a fonemas, o que conduz a ver a semelhança entre os elementos gráficos mínimos e as letras.

Assim, se olharmos um símbolo veremos que ele comporta, de um lado elementos que indicam a articulação do signo gestual e de outra parte, possibilitará diretamente o acesso ao sentido pela percepção global do símbolo gráfico.

As línguas de sinais são flexionadas como as línguas orais. Assim como um verbo em português pode ser flexionado assim também os símbolos escritos. Se numa frase em *SignWriting* há um verbo direcional flexionado, a direção do movimento e a orientação das mãos jogam um papel funcional. Em um mesmo símbolo escrito nós podemos encontrar informações lexicais e gramaticais. Ainda assim notamos que o sistema comporta elementos ideográficos como os sinais de pontuação e que certos elementos gráficos de um símbolo se relacionam fortemente com o princípio ideográfico. Coloca então, a autora, a hipótese de que o sistema se caracteriza como ideofonográfico. Isso aproxima o sistema das escrituras ocidentais de dominância fonética.

Ao concluir sua tese, Boutora (2003) afirma que o sistema *SignWriting*, para escrita das línguas de sinais dos surdos, satisfaz os critérios que definem um sistema de escritura:

É uma forma gráfica que está apta a assegurar as funções da escrita, da possibilidade de distanciamento da língua, passando pelo armazenamento e transmissão de informação. Sua evolução acontecerá pelos objetivos de adaptação às novas práticas e situações. Veremos com o tempo se o sistema se adapta às novas línguas ou se são as línguas que se adaptarão à escrita. (BOUTORA, 2003, apud STUMPF, 2005, p. 95).

Assim como a escrita de língua de sinais não tem ainda reconhecimento formal na educação dos surdos, também a língua de

sinais tem muito pouco espaço nos currículos das escolas e salas especiais. A escrita visual direta da língua de sinais *SignWriting* pode levar ao bilinguismo pleno. Enquanto isso, pelas dificuldades de ensinar que apresenta e a necessidade que representa como instrumento de inserção social, o português escrito poderá contar com um referencial linguístico consistente na L1 (Libras) que possibilitará trabalhar a L2 (português escrito) com propriedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer essa abordagem sobre o método de ensino para o melhor aprendizado do aluno surdo por meio da escrita de sinais *SignWriting* é contribuir para o processo de inclusão do sujeito surdo na sociedade. É valorizar a identidade surda dentro da escola, permitir a garantia dos direitos de igualdade social. A escrita de sinais abordada nesta pesquisa promove acessibilidade que vai além da escrita e o processo de alfabetização e letramento, mas que também possibilita uma escola que garante um ensino democrático que atendam a todos, surdos e ouvintes.

Ao analisarmos teoricamente vários textos sobre a escrita de sinais *SignWriting* podemos afirmar que segundo a tese de Stumpf (2005), o melhor método de ensino e aprendizagem para o letramento de alunos surdos é por meio do *SignWriting*. Esta escrita se mostra a mais adequada para a assimilação do aluno surdo, pois, suas características possibilitam escrever com maior praticidade sua língua materna que é a Libras, utilizando-se de letras/símbolos, representações das configurações das Línguas de Sinais que facilita a compreensão de textos e conseqüentemente sua alfabetização e letramento dentro dos mais variados contextos.

Percebemos que na área de conhecimento do *SignWriting* ainda há muitas possibilidades de pesquisas que precisam ser realizadas, há uma enorme carência de publicação de materiais que possam contribuir para a expansão desse método tão útil, somente através do conhecimento aprofundado e incentivo de projetos para a divulgação do *SignWriting* nas escolas, que esse sistema de escrita ganhará tal reconhecimento e muitos professores poderão ter acesso e assim, estarão mais capacitados para o Ensino da

Libras e da Educação de surdos, promovendo de fato a inclusão dentro de um sistema bilíngue.

Vimos também que as consequências sociais do letramento se resumem em possibilidade de ascensão social e econômica. Entretanto, é preciso pensar em questões que não são tão técnicas que derivam de um modelo ideológico de letramento. Estes eventos de letramentos devem ter destacados alguns elementos tais como os participantes deste contexto, o ambiente/meio onde os participantes estão inseridos e as atividades que circundam este presente local, pois tudo isso forma uma situação real, enquadrando assim, a prática de letramento.

Para não obscurecer a língua e sua função social precisamos repensar e resignificar nossas experiências pedagógicas. Como professoras, percebemos a importância de refletir sobre a aquisição da língua escrita para os alunos surdos, pois percebemos grande número de surdos incluídos em escolas comuns e sem uma metodologia que atente para a diferença surda. A atenção a essa comunidade (surda) se dá em função de que sua língua de comunicação é diferente da língua escrita.

Considerando a língua do aluno surdo e a sua forma subjetiva de compreender a escrita, é necessário refletir sobre os métodos de alfabetização que priorizam o som como estímulo, como associativo para o escrever e o ler. A escola, pode ainda estar enraizada com práticas homogêneas a todos os alunos - ouvintes ou surdos - em métodos de ensino voltados a um treinamento. Vigotsky utilizou a nomenclatura de treinamento artificial, que demanda esforços de ambos os lados: alunos e professores, para desenvolver o processo de aprender a ler e escrever, fundamentando-se no professor, uma prática imposta de fora e não focada nas necessidades da criança (VIGOTSKY, 2007, p. 126).

O artigo problematiza sobre o que devemos pensar e considerar diante de uma aluno surdo para que a escrita tenha significado, uma vez que, o som das palavras não são o mais relevante e sim, a forma como a criança surda “vê” a escrita, o registro de escrever numa língua diferente da sua língua de comunicação requer que tenha sentido a esse sujeito, e cabe a escola estimular a percepção da função social da escrita e o desejo do escrever.

Uma língua não substitui a outra, ambas são línguas que favorecerão a vida social do sujeito surdo, no entanto, sem a língua de sinais a escrita é precária e, sem compreensão, abstrata, apenas palavras descontextualizadas e memorizadas. Como reforçamos: A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais. (QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 24).

Vimos também algumas das vantagens do *SignWriting*, em comparação com outros sistemas de escrita para línguas de sinais, tais como: Sua iconicidade facilita o aprendizado da leitura, em particular a iconicidade que resulta do layout em duas dimensões ao invés de apenas uma; Possui mecanismos detalhados para representar a expressão facial e outros não manuais; Ele foi adaptado para uso com muitas línguas de sinais diferentes;

No entanto, também tem algumas desvantagens, tais como: o tamanho do conjunto de símbolos e os pequenos detalhes que podem ser escritos criam um desafio para aprender a escrever. Também significa que a forma escrita é amplamente situacional e inventiva; pessoas diferentes podem escrever o mesmo sinal de maneiras diferentes e uma única pessoa pode alternar entre as transcrições; O layout espacial bidimensional dos símbolos dentro de cada sinal, embora seja mais icônico do que um layout linear, tem um custo. *SignWriting* requer atualmente um software especial; não pode ser usado como texto comum em processadores de texto normais ou outro software aplicativo. Como solução alternativa, o software (*SignMaker* e *Rand Keyboard*) está disponível no site da *SignWriting* que permite que uma placa, uma vez montada com o software especial *SignWriting*, seja copiada facilmente como uma imagem gráfica para um software.

Segundo Barreto (2015) há uma vantagem na aprendizagem deste sistema de escrita: além do registro e a da consciência biofonética: "Ao ler um sinal ou texto de qualquer LS (língua de sinais) do mundo, o leitor proficiente em ELS (escrita de língua de sinais) é capaz de reproduzir com precisão como o sinal é realizado, mesmo sem entender o que significa, pois para isto seria necessário saber essa Língua de Sinais. (BARRETO & BARRETO, 2015, p. 76 e 77).

Nesse sistema de escrita, os sinais são registrados em duas dimensões onde os grafemas são organizados para formar um ou mais morfemas, que nada mais são do que as menores unidades de significados de uma língua. “O posicionamento dos grafemas também não é arbitrário e contribui para o melhor e mais rápido entendimento dos morfemas e conseqüentemente, dos sinais das LS” (BARRETO & BARRETO, 2015, p. 77)

REFERÊNCIAS

BARRETO, Madson. BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios**. 2ª Ed. Ver. Atual. e ampl., v. 1. Salvador. 2015. Libras Escrita.

CAPOVILLA, F. C. **Neuropsicologia e Aprendizagem Uma Abordagem Multidisciplinar**. 2ª Ed. São Paulo: Memnon 2004.

FREITAS, Isaac Figueiredo de. **Alfabetização de surdos: para além do alfa e do beta**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v25/1809-449X-rbedu-25-e250034.pdf>>, baixado em: 06/02/2021. Revista Brasileira de Educação. V. 25. Scielo. 2020.

KRONBAUER, Elis Matte. **Um passado (não tão) distante? Considerações sobre o oralismo na educação de surdos**. TCC orientado pelo prof^o. Alan Ricardo Costa. Curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol. UFFS. Cerro Largo. 2018. Disponível em: < <https://rd.uffs.edu.br/bits-tream/prefix/2144/1/KRONBAUER.pdf> >.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L.P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

ROJO, R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, I.(org.). **Investigando a relação oral/escrita e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

SILVA, T. S. A. da; BOLSANELLO, M. A. **Atribuição de significado à escrita, por crianças surdas usuárias de língua de sinais**. Disponível

em: < <https://www.scielo.br/pdf/er/nspe-2/10.pdf> >. **Educar** em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 129-142. Editora UFPR.

SOARES, Magda Becker. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STUMPF, Marianne Rossi. **Tese de doutorado: Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de sinais no papel e no computador**, orientado pelo prof^o. Dr. Antônio Carlos Rocha da Costa. UFRGS. Porto Alegre. 2005. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5429> >. Acessado em 01 jun 2022.

SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting**: um sistema de escrita para língua de sinais. Tradução Marianne Rossi Stumpf. Disponível em <https://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-Sign-Writing.pdf>. Acesso 06 jul 2022

VYGOTSKY, LS. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Antídoto, 2007